

Entre o fantástico e a realidade, a história guianense segundo Michel Lohier através de suas *Lendas e Contos folclóricos da Guiana*¹²

Marie-Simone Raad³
Tradução Lucas Ferreira Gois⁴

Resumo: Neste artigo, proponho-me a mostrar como Michel Lohier, autor guianense do século XX, consegue apoderar-se da história guianense a fim de introduzi-la em seus contos e lendas. Este último mistura a fantasia com a realidade através de crenças fantasmagóricas. As narrativas de Lohier ilustram ao mesmo tempo o sistema colonial e a alienação do colono europeu sobre o homem negro. Por meio da alegoria, assistimos a um confronto entre o escravo e o mestre. Neste sentido, o leitor torna-se testemunha de uma luta sem tréguas entre a astúcia e a inteligência dos mais fracos contra a estupidez e a maldade, e até mesmo a cobiça, dos mais fortes, o que acentua, por conseguinte, o

1 *Légendes et Contes folkloriques de Guyane*, no original. Para este trabalho, conservamos a versão do título em língua portuguesa, porém mantivemos os títulos dos contos no original, com uma tradução livre a seguir [N.T.].

2 Texto de partida: RAAD. Marie-Simone. *Légendes et Contes folkloriques de Guyane. Les Cahiers du GRELCEF*. No 9. Fantastique, étrange et merveilleux dans les productions francophones. Mai 2017. Disponível em: <https://ojs.lib.uwo.ca/index.php/grelcef/article/view/10332>. Agradecemos à autora por ceder os direitos de tradução desta obra em língua portuguesa.

3 Em 2010, Marie-Simone Raad publicou por meio das “*Éditions Universitaires Européennes*” o livro *De Pigments à Black-Label, Léon G. Damas, un poète à la voix méconnue*. Em 2016, ela publicou dois artigos: “*La ‘marronisation’ de la Bible chez les auteurs guyanais*” para os *Cahiers du GRELCEF* e “*la présence de la Bible dans la littérature guianense*” para o Dicionário *La Bible dans les littératures du monde* nas *Éditions du Cerf*. Sua área de pesquisa diz respeito à questão identitária nos contos e lendas da Guiana Francesa, um campo pouco estudado nas letras francófonas.

4 Graduando em Letras-Francês pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Foi assistente de língua portuguesa na academia de Clermont-Ferrand, na França, de 2020-2021. Foi bolsista como professor de francês pelo programa Idiomas Sem Fronteiras na Ufal.

questionamento do poder colonial. Esse combate simboliza assim a vitória do escravo sobre o colono, levando dessa forma à dessacralização deste último. Na reflexão proposta, tratar-se-á de mostrar como o mundo colonial é representado através do imaginário e, sobretudo, como a história da Guiana é apresentada. Portanto, será necessário estudar a forma como se desenrola toda uma lição de História através de uma simples narrativa, e também nos atentarmos à cenografia encantadora própria do universo dos contos guianenses.

Palavras-chave: Michel Lohier; fantástico; contos folclóricos

Introdução

Segundo Todorov, “o fantástico distingue-se do maravilhoso pela hesitação que ele produz entre o sobrenatural e o natural, o possível ou o impossível e às vezes entre o lógico e o ilógico”⁵. Neste sentido, o registro do fantástico introduz o leitor, bem como a personagem principal da história, em um mundo onde reinam a magia, as superstições, as comunhões com a natureza, os animais, a fauna, a flora, as feiticeiras, o diabo, os duendes ou ainda as sereias. As narrativas fantásticas têm, portanto, como objetivo transportar os leitores para um universo encantador. No entanto, por vezes, é possível que a ficção destas histórias se misture à realidade da vida cotidiana.

Assim, ao tentarmos definir o vocábulo “fantástico”, chegamos a dois substantivos: a racionalidade e a irracionalidade. Neste sentido, quando nos encontramos diante de um fenômeno incompreensível, podemos considerar duas soluções: ou damos uma explicação racional para o que nos parece estranho, ou aceitamos que o que está diante de nós é espantoso e, portanto, é o resultado de uma manifestação sobrenatural. Neste caso, o incompreensível torna-se possível e é aceito.

Este universo fantástico encontra-se em Michel Lohier no próprio seio de suas *Lendas e contos folclóricos da Guiana*⁶ – cuja primeira edição data de 1960. Michel Lohier é um autor guianense nascido em 24 de janeiro de 1891 na comuna de Iracoubo, um pequeno vilarejo do nordeste da Guiana. Filho único, ele viveu com sua mãe e sua avó. Sua bisavó era uma escrava vinda da Guiné. Ela chamava-se Yoyo e era amante de seu mestre, o colono Boileau. Dessa união nasceu Cornélie,

5 TODOROV, Tzvetan. *Introduction à la littérature fantastique*. Paris: Le Seuil, 1970 (Points numéro 73).

6 Edição de referência: LOHIER, Michel. *Légendes et Contes folkloriques de Guyane*. Paris: Éditions Caribéennes, 1980, p. 24. A primeira edição data de 1960; a reedição dessa coletânea foi organizada pelo Serviço Cultural da Guiana no âmbito do Ano do Patrimônio guianense, em 1980.

a avó de Michel Lohier, que “nasceu livre, em 1821, de uma mãe capturada muito jovem na costa africana. Os encantos da jovem escrava, ao chegar na Guiana, haviam seduzido seu jovem mestre”⁷. Cornélie casou-se com Jules Lohier, o filho de um provençal chamado Bernard Lohier, que se casou com a filha de um colono de Iracoubo chamado Rochereau. Jules e Cornélie Lohier tiveram oito filhos, quatro meninos e quatro meninas, incluindo Joséphine, a mãe de Michel Lohier.

O nome desse autor guianense está associado a diversas funções. Em primeiro lugar, à de professor. Graças a essa profissão, Michel Lohier pôde não apenas percorrer a Guiana inteira, mas também aprender a conhecer esse departamento, seus habitantes e seus recantos escondidos. Lohier é igualmente conhecido como jornalista, em especial com a criação da revista *Parallèle V* publicada de 1950 a 1955. Ademais, é nessas diferentes revistas que ele publicará seus primeiros contos em crioulo sob o pseudônimo de Irac Oubo, em homenagem à comuna guianense que o viu nascer. Além disso, ele escreveu artigos no jornal *Radio Presse* e foi diretor do Museu da Francônia⁸, em Caiena. Ele continua a escrever até sua morte em 1º de novembro de 1973. Ele acabara de terminar a tradução de *Atipa*, primeiro romance em crioulo, escrito em 1885 por Alfred Parepou.

Suas diversas publicações inscrevem-se numa abordagem regionalista da literatura e da cultura guianense. De natureza eclética, Lohier mostrou sua ambição desde suas primeiras publicações: compartilhar seu amor pela Guiana e transmitir seu saber aos mais jovens. Através de suas *Lendas e Contos folclóricos da Guiana*, ele nos desenha um retrato da Guiana e de seus habitantes. Seu objetivo é ajudar-nos a compreender melhor este departamento ultramarino desconhecido e “transmitir as mensagens de um simbolismo conforme a vivência dos escravos e da sociedade escravagista de outrora”⁹. Assim, por meio da literatura oral, Lohier apresenta-nos o reflexo da sociedade guianense na época do colonialismo. De fato, suas narrativas ilustram ao mesmo tempo o sistema colonial e a alienação do colono europeu sobre o homem negro. Por meio da alegoria, assistimos a um confronto entre o escravo e o mestre.

Neste sentido, o leitor torna-se testemunha de uma luta sem tréguas entre a astúcia e a inteligência dos mais fracos contra a cobiça e a maldade, e até mesmo a

7 *Ibid*, p. 24.

8 Atual Museu Alexandre-Franconie [N.T.].

9 CONTOUT, Auxence. *La Guyane, ses contes, ses devinettes, ses croyances, ses monuments*. Caiena: ARM Imprimerie, 1999, p. 4.

estupidez, dos mais fortes, o que acentua, por conseguinte, o questionamento do poder colonial. Esse combate simboliza assim a vitória do escravo sobre o colono, levando dessa forma à dessacralização deste último.

Na reflexão proposta, tratar-se-á de mostrar como o mundo colonial é representado através do imaginário e, sobretudo, como a história da Guiana é apresentada por meio de crenças populares e das referências fantásticas empregadas. É por isso que trataremos primeiramente de Michel Lohier: contista e professor de História, e depois, num último momento, de uma cenografia encantada.

1. Michel Lohier, contista e professor de história

A história é uma matéria elusiva; ela nunca é como a imaginamos. Seu primeiro dever é permitir que o leitor ou o herói da narrativa recupere a memória sobre suas verdadeiras origens. Começa então uma navegação através das ondas do passado para aquele ou aquela que, ou escuta a história, ou a lê. Por meio dessa viagem, nosso contista guianense permite manter a história das Primeiras Nações¹⁰, bem como a dos homens negros vindos da África e, por conseguinte, oferece às gerações atuais uma versão diferente da história oficial, isto é, a que é transmitida pela instituição:

[Neste sentido], os contos, códigos de nossos ancestrais, são testemunhos insubstituíveis sobre a vivência guianense. São projetos culturais cuja armadura é a “moral pessoal” da GUIANA. [...] São verdadeiros canteiros de obras que materializam a visão global da vida guianense. Os monumentos são guardiões mudos da história e das pequenas histórias da GUIANA. São projetos de sociedades, são grandes centros culturais programados ao longo dos séculos. [...], três gerações inseparáveis da cultura do passado. Sim, uma cultura do passado, mas não uma cultura ultrapassada¹¹.

Os contos guianenses adaptam-se, assim, à realidade histórica do país de onde provêm. Além disso, essas narrativas possuem uma especificidade cultural uma vez que elas “toma[m] emprestadas porções de quadros da tradição oral francesa – digamos bastante europeia – e as integra[m] astutamente e sobretudo harmoniosamente nos modelos que [lhes] vêm da África a fim de operar um todo

10 Termo utilizado em especial no Canadá e que se aproxima do conceito de povos originários [N.T.].

11 *Ibid*, p. 1.

bem coerente e de aparência nova”¹². Os contos, oriundos de diferentes regiões da África, vão, por conseguinte, sofrer um processo de readaptação, uma vez que eles devem adaptar-se às realidades ecológicas, sociais, econômicas e históricas da Guiana.

Essa literatura oral guianense realça o encontro da tradição francesa e africana, já que esses contos são antes de tudo códigos, ou até mesmo mensagens, que descrevem minuciosamente o ambiente guianense, as tradições e memórias de um povo dizimado ou a vivência dos escravos durante a época colonial. Segundo Alex Mucchielli:

Um indivíduo [...] encontra seus modelos no seu ambiente social, mais frequentemente presente, às vezes passado (identificação com personagens históricos ou heróis). Trata-se aí de uma identificação personalizada. Um indivíduo pode também não se identificar, mas tomar como referência os valores, normas e condutas de um grupo ao qual ele não pertence. Ele esforça-se para integrar o sistema cultural que ele representa. [...] Essa identificação cultural é feita através de toda a socialização. A identificação cultural pode ocorrer através da participação numa ideologia, em mitos, em heróis... A identidade ganha corpo e se afirma em referência ao passado. Para um grupo ou uma sociedade, esse passado é com certeza sua história¹³.

Michel Lohier faz, assim, coincidir sua própria história e a história da Guiana. Sua história pessoal, simbolizada pelo recolhimento das lendas e contos, está, portanto, ligada à história coletiva.

Consequentemente, misturando fatos históricos à ficção por meio de suas lendas, Lohier revela ao mesmo tempo um lado realista e fantástico, mas também que há apenas um passo entre a lenda e a realidade. As lendas inspiram-se em fatos reais, mas elas nos oferecem uma imagem revisitada, talvez reformulada, da realidade. Os heróis das lendas são, portanto, personagens que realmente existiram e que, através de seus muitos feitos, adquirem certa notoriedade que se inscreve na memória coletiva. Assim, com o apoio do fantástico, a lenda toma uma dimensão histórica, ao contrário do conto. Em sua introdução aos contos crioulos guianenses, Michel Lohier afirma que “a história da Guiana está repleta de lendas. Os negros da África trouxeram a maioria delas. Eles encontraram aqui material

12 *Ibid.*, p. 3.

13 MUCCHIELLI, Alex. Les fondements de l'identité psychosociologique. L'Identité. Paris: PUF, col. “Que sais-je?”, número 228, 1986, p. 63-64.

para amplificá-las”¹⁴. No entanto, é preciso saber que, originalmente, o vocábulo “lenda” refere-se a uma narrativa com propriedades maravilhosas e encantadoras, e que vem do latim “*legenda*”, que significa “*o que se deve ler*”: “a lenda, por extensão, é também uma narrativa que comporta um fundamento mais ou menos histórico, desenvolvido e deformado pela imaginação da tradição, tornando-se assim um evento heroico ou divino – como a lenda do rei Artur. Ela distingue-se do mito, sem fundamento real”¹⁵.

Assim, através da função divertida e informativa da lenda, Michel Lohier pôde voltar à história da Guiana ao evocar espaços concretos por meio do imaginário. Por exemplo, ele nos conta “La légende de Vidal” [a lenda de Vidal]¹⁶, que corresponde ao período de escravidão na Guiana. Essa narrativa destaca uma personagem real que realmente existiu. Vidal é na verdade uma antiga fazenda escravocrata que era localizada na comuna de Rémire e que pertencia mais precisamente à família Vidal de Linendes Mondelice. Além disso, Lohier acrescenta datas a sua história, tais como “1849 [e] 1851”¹⁷, a fim de permitir ao leitor situar esta narrativa no contexto histórico da colonização. Neste sentido, a realidade encontra o caminho da imaginação.

“La légende de Vidal” é um retrato de um mestre cobiçoso, ávido, cruel e feroz para com seus escravos. Michel Lohier herdou essa história de sua avó que “através de uma memória prodigiosa, [e] apesar de seus 80 anos, [...] contava-nos as atrocidades sofridas pelos escravos caídos entre as mãos dos malvados ‘mestres’”¹⁸. Ela acrescenta, falando do mestre Vidal, que era um “malvado colono que maltratava seus escravos. Ele também era um amigo do Diabo. Não podendo cumprir suas obrigações para com seu sócio, este, uma noite, com grande alarido, leva-o consigo por uma janela. Um tronco de bananeira foi [...] colocado no caixão”¹⁹. Nessa lenda, a ficção associa-se à realidade com, em segundo-plano, certo “simbolismo [ilustrado pela] coragem dos escravos [marcando assim] a construção de diversas crenças populares, como essa do tronco de bananeira enfeitado [...]”²⁰

14 LOHIER, Michel. *Légendes et contes folkloriques de Guyane*, op. cit, p. 17.

15 BRUNEL, Pierre. *Français lycée*. Paris: Éditions de la Cité, Manuel +, jun. de 1998, p. 529.

16 LOHIER, Michel. *Légendes et contes folkloriques de Guyane*, op. cit, p. 23 a 28.

17 *Ibid*, p. 26.

18 *Ibid*, p. 24.

19 *Ibid*, p. 25.

20 LE PELLETIER, Catherine. *Michel Lohier, régionaliste et folkloriste guyanais*. Matoury: Ibis Rouge Éditions 2008, p. 92.

que servia de corpo – no lugar deste que havia misteriosamente desaparecido – no caixão. O “tronco de bananeira”²¹, segundo a religião budista, simboliza a vaidade. Poderíamos estabelecer o paralelo aqui, no qual o mestre representa perfeitamente essa figura pretensiosa e orgulhosa, uma vez que ele faz um pacto com o maligno a fim de ter mais riquezas e glória. Aqueles que enterraram o caixão do mestre Vidal conhecem o simbolismo, por isso quiseram acentuar a arrogância por meio desse “tronco de bananeira”²²

No entanto, o leitor terá uma escolha nessa lenda: ou escolhe o caminho do racional ou do irracional. Lohier o guiará pelo caminho mais lógico, aquele onde o estranho não tem lugar. De fato, ao contrário de sua avó, que era de natureza “supersticiosa, [e que] acreditava que o Diabo havia levado o corpo de Vidal e o substituiu por um tronco de bananeira”²³, o autor acentua o lado absurdo dessa história do rapto do corpo pelo Diabo através do emprego do adjetivo ingênuo: “essa ingênuo lenda havia percorrido um longo caminho. Certamente, o tradicional tronco de bananeira figurava nela, mas não o Diabo. Esta é a história em toda sua veracidade”²⁴. Na realidade, foi o próprio filho do Mestre Vidal, o Procurador Geral Vidal de Lingendes, que ordenou o rapto do pai com a ajuda de um capitão corrupto e sem escrúpulos. O mestre Vidal, apesar da abolição da escravidão, que se deu em 1848, continuava a traficar homens negros. Foi por isso que seu filho quis se livrar dele criando essa encenação. Os escravos que eram igualmente supersticiosos pensaram de fato que o diabo havia vindo buscar seu mestre. O contista não acreditou na presença de um ser maléfico e sobrenatural – ele é bastante racional – ao contrário de sua avó e dos escravos. A única coisa que se encontra nessas duas versões (a racional e a irracional) é o tronco de bananeira que permite substituir o corpo dos desaparecidos em seus caixões.

Outro exemplo consiste na “Baca la main baca mo crucifix”²⁵, onde o mesmo cenário é encenado, mas sob uma mafumeira desta vez tornando-se, assim, uma árvore amaldiçoada posteriormente nas crenças populares. Como em “La légende de Vidal”, “Baca la main, baca mo crucifix” apoia-se no período da escravidão. Este conto nos descreve as numerosas riquezas e o domínio colossal do colono:

21 LOHIER, Michel. *Légendes et contes folkloriques de Guyane, op. cit.*, p. 28.

22 *Ibid.*, p. 28.

23 *Ibid.*, p. 25.

24 *Ibid.*, p. 25.

25 *Ibid.*, p. 29 a 35.

Em vastas extensões, alinhavam-se, a perder de vista, enormes cacauzeiros, cafeeiros e plantas de especiarias: cravos-da-índia, caneleiras, moscadeiras, baunilheiras. Mais adiante, víamos os campos de cana-de-açúcar, de mandioca, de bananeiras e de legumes diversos. A casa-grande encontrava-se sobre uma pequena colina, não muito longe do engenho de açúcar, e as choças abarrotadas de escravos, fechavam a vista em direção à floresta. Um corredor magnífico emoldurado de árvores frutíferas: mangueiras, abacateiros, oliveiras, laranjeiras, pupunhas, coqueiros, partia da casa principal e chegava ao rio.²⁶

Essa história situa-se numa pequena comuna da Guiana que se chama Montsinéry. O mestre faz novamente um pacto com o diabo com o objetivo de adquirir mais riquezas, como em “La légende de Vidal”, e morre em condições misteriosas após a revolta de uma escrava que queria salvar seu filho. Essas duas lendas podem ser colocadas em paralelo com a de Fausto. De fato, a lenda de Fausto “teria vindo de um ‘médico’ humanista do século XVI, que vivia em Knittlingen, e que se fazia passar por feiticeiro. A imaginação popular deu à personagem uma dimensão mítica, mas ambígua: Fausto não crê em Deus, mas acredita no Diabo o suficiente para lhe vender sua alma em troca do saber e dos bens terrenos”²⁷. Essas três personagens celebraram, portanto, um contrato com o maligno com o único propósito de saciar sua necessidade de bens terrenos em vez de garantir o repouso eterno.

É preciso saber que a figura do diabo é uma imagem comum dos contos guianenses. Ela está praticamente em todas as histórias. Na verdade, o diabo substitui a fada dos contos europeus e em especial aquela evocada nas histórias de Perrault: “Nos contos crioulos, aparece frequentemente o ‘Diabo’. Essa personagem substitui a ‘fada’ dos contos de Perrault. Sua ação é sempre maléfica, mas o contista consegue sempre fazê-lo falhar, o que faz, aliás, a alegria das crianças e também das pessoas grandes, pois todos amam ver triunfar a fraqueza e a virtude sobre a força e a maldade”²⁸.

Vemos que o diabo se opõe totalmente à fada, que é uma figura positiva, uma vez que ela sempre ajuda o herói em sua missão. Ao contrário dela, o diabo simboliza um aspecto negativo e ele é frequentemente associado ao poder e ao

26 *Ibid*, p. 29-30.

27 BRUNEL, Pierre. *Français lycée, op. cit*, p. 514.

28 LOHIER, Michel. *Légendes et contes folkloriques de Guyane, op. cit*, p. 19.

amor pela riqueza nos contos crioulos. É por isso que se associa frequentemente o mestre ao diabo; ambos possuem um poder maligno. De fato, o mestre não tem medo de fazer um acordo com o maligno em troca de mais glória e fortuna. Além disso, ele não tem escrúpulos em oferecer-lhe uma criança inocente para saciar essa cobiça. O sobrenatural desses contos crioulos pode ecoar como um conto popular alemão que figura entre aqueles recolhidos pelos irmãos Grimm. Trata-se do conto “Le Nain Tracassin” [O Anão Saltador] mais conhecido pelo nome de Rumpelstichen. As duas versões mostram um pacto com um ser demoníaco que sempre reclama uma criança. Felizmente, o pacto se quebra nos dois casos. No entanto, no conto alemão, Rumpelstichen desaparece, furioso com a derrota. Ao passo que no conto crioulo, o diabo substitui a criança que ele não conseguiu pelo próprio mestre, levando-o com ele.

Esses diferentes protagonistas, sejam eles oriundos da Europa ou das Américas, são humanos que brincam com forças obscuras que eles não podem controlar. Vítimas de sua sede por ouro, eles recorrem a uma magia muito poderosa e esquecem frequentemente de pagar o preço cobrado, pois eles se creem acima dessas forças ocultas. De fato, eles não podem escapar dessa dívida. Pouco importa a época ou o lugar onde eles se encontram, o preço deve sempre ser pago. Em nossa sociedade atual, a figura do diabo seria a de um oficial de justiça, por exemplo, que vem continuamente exigir o pagamento quando uma pessoa não pôde quitar uma grande dívida junto ao seu banco.

A história da Guiana, por meio de histórias recolhidas, permitiu a Michel Lohier levar-nos a um mundo onde a magia encontra-se com as superstições e os fenômenos estranhos, criando assim uma cenografia sobrenatural e encantadora aos seus contos e lendas.

2. Uma cenografia encantadora

Através de suas *Lendas e contos folclóricos da Guiana*, Michel Lohier incorpora uma atmosfera assustadora em seus contos, com personagens monstruosas, como o Baclou²⁹ – trata-se de um ser ao mesmo tempo maléfico, aterrorizante e sobrenatural, mas que tem o poder de fascinar. É uma espécie de duende viscoso que

29 Baclou, Maskilili e Maman dlo ou Maman di-l'eau são seres sobrenaturais conhecidos na cultura guianense e que encontram correspondentes em nosso folclore, como o Curupira, no caso do Maskilili, e Iara, ou Mãe d'água, no caso de Maman di-l'eau. [N.T.].

assombra as crenças populares guianenses. As pessoas recorrem a ele para prejudicar alguém. O Baclou está presente no conto intitulado “L’alliance de ma Femme est perdue” [A aliança da minha mulher está perdida]³⁰. Essa história destaca um homem que procura desesperadamente a aliança de sua mulher, mas depois descobre que ela foi seduzida pelo Baclou e que lhe deu sua aliança como gesto de amor. Lohier também nos apresenta o Maskilili e Maman-di-l’eau³¹, ambos presentes no conto ameríndio “Kouyouiry”³². Essa narrativa nos conta a missão do filho de um grande chefe nativo, Kouyouiry. Este sonhava com uma “grande cidade fantástica, cintilante à luz do sol, perto da qual um lago estende suas ondas sobre brilhantes pedras preciosas. Essa cidade, ó mistério! Era habitada apenas por mulheres, cuja Rainha, de uma beleza incomparável, esperava para esposá-la um jovem e bravo Chefe de uma grande tribo”³³. Graças a Maskilili e a Maman-di-l’eau, nosso herói conseguirá encontrar essa “cidade fantástica” e esposar “a Rainha”.

Olhando essas personagens, podemos notar uma diferença na evolução desses protagonistas fantásticos. Nos contos de Lohier, o Maskilili e Maman-di-l’eau têm um aspecto positivo, pois eles ajudam os heróis em sua missão, como a fada de Charles Perrault; mas, hoje em dia, eles são vistos como malvados, ou mesmo maléficis. De fato, Maman-di-l’eau é a sereia dos contos ameríndios. Ela simboliza o espírito da água que seduz os seres humanos a fim de atirá-los nas profundezas dos rios guianenses com o único objetivo de afogá-los e de absorver suas almas. Como as sereias das lendas antigas, Maman-di-l’eau hipnotiza suas vítimas com sua voz e beleza. Ela enfeitiça suas presas de forma que elas afundem mais facilmente e, assim, leva-as a sua perdição. Essa sereia, fascinante, mas nefasta, “jorra rugindo para engolir. Glub! A impertinente lavadeira que teria começado a lavar a roupa antes de qualquer saudação.”³⁴

No entanto, nos dois contos em que ela está presente, Maman-di-l’eau tem uma imagem diferente. Muito pelo contrário, ela ajuda os heróis e os guia pelo caminho do sucesso de sua missão. Assim como o Maskilili que protege o herói do conto “Kouyouiry”. Hoje em dia, o Maskilili é um gênio mau que

30 LOHIER, Michel. *Légendes et contes folkloriques de Guyane*, op. cit., p. 179 a 183.

31 Esta personagem fantástica está também presente em “L’alliance de ma Femme est perdue”. Ela ajuda o herói em sua missão da aliança. No fim, ela casa-se com ele.

32 LOHIER, Michel. *Légendes et contes folkloriques de Guyane*, op. cit., p. 56 a 74.

33 *Ibid.*, p. 58 a 59.

34 CHAMOISEAU, Patrick. *Mamman Dlo contre la fée Carabosse*. Paris: Éditions Caribéennes, 1982, p. 28.

se diverte ao pregar peças em pessoas que o chamam. Ele tem baixa estatura e possui uma força hercúlea. Aquele que o procurar sempre o encontrará sob uma mafumeira. Os indivíduos que recorrem a esse ser maléfico pensam que o Maskilili concederá seus desejos. Mas, infelizmente para eles, esse ser malvado não quer ajudar as pessoas que o invocam; muito pelo contrário, o objetivo desse gênio mau é prejudicá-los.

Além disso, através de sua coletânea, Lohier descreve-nos a magia envolvente do ambiente guianense. De fato, ele oferece ao leitor um leque variado dos animais que encontramos no coração da floresta amazônica, tais como a tartaruga, a garça-da-mata³⁵, a cobra³⁶, a aranha, o macaco, o jacaré³⁷ etc. Ademais, cada animal tem uma característica bem específica. Dessa forma, a tartaruga será sempre a mais astuta; a aranha, a mais inteligente; o tigre³⁸, o mais ganancioso e a maïpouri³⁹, a mais tola e que será sempre enganada por seus amigos.

Essas personagens são fruto da imaginação popular e, portanto, povoam os contos crioulos. Tratam-se então de contos fantásticos, uma vez que cada personagem tem uma função bem específica com um poder particular. Mas, no geral, podemos ver que o fantástico não pode funcionar sem a religião. De fato, o sobrenatural é explicado pela cristianização. Por outro lado, todas essas histórias acontecem no mesmo momento histórico: o da colonização. Assim, os contos da Guiana nos oferecem um mundo desencantado, o do mal, do sofrimento, onde todos os seres que são oriundos do mundo mágico são maus e onde nenhum milagre acontece. As personagens vão de catástrofes a desgraças. É uma cadeia sem fim em que frequentemente a astúcia é mostrada como o único caminho, como uma forma superior de inteligência. No entanto, a astúcia também faz parte do universo do mal. Encontramos uma grande parte da realidade nos contos com os escravos e as mães de família que não têm o suficiente para alimentar seus filhos senão após árduos esforços. O ambiente real também está presente através da

35 Trata-se de um pássaro da Guiana que também é chamado de “*Oiseau-Trompette*” [Jacamim-de-costas-cinzentas, N.T.] por causa de seu grito.

36 Trata-se de uma cobra da família dos colubrídeos. Mas a *couleuvre* [no texto original – N.T.] não é a única serpente que rasteja sobre o solo guianense, há também as sucuris e as víboras.

37 Este crocodiliano da família dos aligadores é encontrado em praticamente todas as lendas guianenses. Há três tipos de jacarés na Guiana: o “jacaretinga”; o “jacaré-anão” e o “jacaré-açu”. [N.T.].

38 Ele corresponde na verdade à onça-pintada. [N.T.].

39 Palavra crioula de origem ameríndia, designando a anta. É um grande mamífero que vive na floresta amazônica na Guiana e que possui uma curta tromba.

densa floresta amazônica. Por isso, podemos também dizer que esses contos são realistas. Michel Lohier exalta as tradições, o patrimônio cultural da Guiana, por meio de seus escritos. Sua atitude como contador de histórias é, de fato, a de um autor regionalista e etnólogo.

Conclusão

Através de sua coletânea de contos, Michel Lohier propõe-nos uma versão alternativa da história da Guiana, a qual não nos é ensinada nas escolas. Essas narrativas imaginárias permitem que descubramos a verdadeira história dos ameríndios e dos escravos negros. Recolhendo os folclores daqueles que verdadeiramente construíram a Guiana, Michel Lohier mostra-nos como tudo começou. Ele destaca a Guiana de ontem para que a conheçamos e não nos esqueçamos de seus primeiros habitantes. Suas histórias tornam-se ao mesmo tempo uma homenagem aos ameríndios e aos escravos negros levados da África para as Américas.

Segundo o músico e ator martinicano Philippe Cantinol, há uma distinção clara entre a narrativa curta europeia e crioula. De fato, este último declara: “Eu conto por todo mundo e por mim todos contam [...]. O conto é nosso primeiro teatro. O conto nos conta. Com o passar do tempo, a narrativa se constrói como nós”⁴⁰. Essas histórias transcritas contribuem para expressar a história dos negros e dos nativos. Assim, quando Cantinol declara que “o conto nos conta”, ele quer simplesmente ilustrar a ideia seguinte, com a ajuda do pronome pessoal plural “nos” que simboliza todo um povo: todas essas histórias formulam a mesma coisa, isto é, a narrativa atormentada das populações que se misturaram por meio da colonização. O conto crioulo tem como objetivo reconstituir o passado pedaço por pedaço. É certo que não podemos reescrever o passado, mas a escrita permite reparar o que foi danificado. Neste sentido, e para usar as palavras do escritor guianense Bertène Juminer, é “[...] contra todas as probabilidades, [os habitantes das Antilhas-Guiana] legaram uma cultura. E não importa qual: uma cultura viva, com sua língua, seus costumes e seus mitos”⁴¹. Os contos e lendas crioulos estão, portanto, ancorados numa missão identitária de tradição oral que relata

40 PALATIN, Suzy. *Petit dictionnaire insolite des cultures et des langues créoles (Guadeloupe-Guyane-Martinique)*. Madri: Larousse Dictionnaires, mai. 2013, p. 127.

41 LUDWIG, Ralph. *Écrire la parole de nuit: la nouvelle littérature antillaise, nouvelles, poèmes et réflexions poétiques*. Paris: Gallimard 1994, p. 144.

os sofrimentos oriundos do processo de colonização. Barbárie colonial, guerras, atrocidades, alienação cultural e nascimento de uma nova identidade, são esses os diferentes temas que podem delinear através das páginas destas coletâneas de histórias nascidas durante a colonização e muito antes da descoberta das Américas. Esse imaginário coletivo realça assim o paradigma da violência gerada pela invasão dos europeus a partir do início do século XV.

As palavras de Michel Lohier definem, portanto, sua identidade cultural no seio da coletividade. Sua obra pertence à história cultural, literária e ideológica da Guiana. Ela destaca diferentes aspectos da cultura guianense. O autor descreve-nos a evolução da Guiana tal como a conheceu em sua infância, e depois, durante as diferentes etapas que marcaram a transformação deste departamento e que Lohier conheceu no fim de seus dias. Além disso, com a leitura dessas narrativas, podemos detectar certo entusiasmo da parte do autor. De fato, seu ardor em expressar sua identidade guianense, numa época em que dominava um ideal de ocidentalização, quiçá de assimilação, é bem ressentido por seus leitores. O objetivo principal de Lohier tende, por conseguinte, a glorificar as particularidades das diferentes comunas da Guiana, apesar da presença dessa forte aculturação.

Seus escritos destacam, portanto, campos variados da Guiana como a cultura, as práticas religiosas, a fauna, a flora e a geografia. Neste sentido, Robert Vignon apresenta a obra de Michel Lohier da seguinte maneira: “Todos os que amam a Guiana, todos os que também amam o homem em sua força e suas fraquezas, em sua bondade e em sua crueldade, em sua lealdade e sua perfídia, lerão com alegria este livro, dedicado à Guiana e, acima dela, à humanidade”⁴².

Referências bibliográficas

- BRUNEL, Pierre. *Français lycée*. Paris: Éditions de la Cité, jun. 1998.
- CHAMOISEAU, Patrick. 1982. *Manman Dlo contre la fée Carabosse*. Paris: Éditions Caribéennes.
- CONTOUT, Auxence. *La Guyane, ses contes, ses devinettes, ses croyances, ses monuments*. Caiena: ARM Imprimerie, 1999.
- LE PELLETIER, Catherine. *Michel Lohier, régionaliste et folkloriste guyanais*. Caiena: Ibis Rouge Éditions, 2008.

42 Lohier Michel, *Légendes et contes folkloriques de Guyane, op. cit.*, p. 14.

LOHIER, Michel. *Légendes et Contes folkloriques de Guyane*. Paris: Éditions Caribéennes, 1980.

LUDWIG, Ralph. *Écrire la parole de nuit: la nouvelle littérature antillaise, nouvelles, poèmes et réflexions poétiques*. Paris: Gallimard, 1994.

MUCCHIELLI, Alex. *L'Identité*. Paris: PUF, col. «Que sais-je?», 1986, n. 2288.

PALATIN, Suzy. *Petit dictionnaire insolite des cultures et des langues créoles (Guadeloupe-Guyane- Martinique)*. Madri: Larousse Dictionnaires, 2013.

TODOROV, Tzvetan. *Introduction à la littérature fantastique*. Paris: Le Seuil, 1970. (Points numéro 73).